



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14267 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

**EDUCAÇÃO /COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA PEIRCEANA PARA AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS**

Maria Ogecia Drigo - UNISO - Universidade de Sorocaba

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

**EDUCAÇÃO /COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA PEIRCEANA PARA AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS**

**Resumo:** Este artigo apresenta resultados de pesquisa que contemplou a interface educação/comunicação e cujo objetivo geral foi contribuir para a compreensão do potencial do diagrama para desencadear cognições. Os objetivos específicos, por sua vez, foram os seguintes: explicitar o conceito de diagrama para além de taxonomias, nas perspectivas deleuzeana e peirceana; tratar da concepção de analogia enfatizando o tratamento dado por Deleuze e por Peirce; explicitar o conceito de infografia e de mapa conceitual; identificar as especificidades do tratamento dado a tais representações visuais em pesquisas recentes; identificar o mapa conceitual e a infografia enquanto diagrama, bem como buscar as modalidades de analogia que tais representações visuais propiciam e, por fim, identificar as contribuições do diagrama para compor práticas educacionais. Para o âmbito deste artigo, destacamos, entre os resultados, o conceito de diagrama, nas perspectivas deleuzeana e peirceana e os três tipos de analogia. A relevância deste artigo está na possibilidade construir um novo olhar para as disciplinas escolares e práticas educacionais, o que firma a interface entre educação e comunicação via linguagens e, em particular, via semiótica peirceana, que permite compreender e operar com tais linguagens.

**Palavras-Chave:** Educação e Comunicação, Peirce e Deleuze, práticas educacionais, diagrama/analogia.

**INTRODUÇÃO**

A relação entre representação visual e cognição é um objeto de estudo que, no nosso caminhar como pesquisadora, insiste e persiste, sempre nos instigando e nos desafiando. Este artigo apresenta resultados de pesquisa, realizada no período 2019-2021, que contemplou a interface educação/comunicação e cujo objetivo geral foi contribuir para a compreensão de processos cognitivos, que envolvem ajuntamento e conexões de dados na mente humana. Os objetivos específicos foram os seguintes: explicitar o conceito de diagrama para além de taxonomias, na perspectiva deleuzeana e peirceana; tratar da concepção de analogia enfatizando o tratamento dado por Deleuze e por Peirce; explicitar o conceito de infografia e de mapa conceitual; identificar as especificidades do tratamento dado a tais representações visuais em pesquisas recentes; identificar o mapa conceitual e a infografia enquanto diagrama, bem como buscar as modalidades de analogia que tais representações visuais engendram e, por fim, identificar as contribuições do diagrama para compor práticas educacionais. Os aportes teórico-metodológicos envolveram, principalmente as teorias de Peirce e as de Deleuze, sobre diagrama, que são relacionadas, para assim explicitar o potencial cognitivo de infográficos e de mapas conceituais, que não as interpretações inerentes à psicologia ou à linguagem verbo-visual. A relevância desta pesquisa está na possibilidade de tratar de aspectos da interface educação e comunicação e contribuir para a compreensão de como a mente opera com os diagramas.

## **METODOLOGIA**

As pesquisas realizadas até então – a referida pesquisa envolvendo diagrama - intensificaram o nosso interesse por tornar claro o potencial comunicativo e educativo dos diagramas, uma modalidade de signo, na perspectiva peirceana. Em Deleuze (2007), encontramos ideias que permitem compreender, sob outro olhar, aspectos cognitivos vinculados ao diagrama. Assim, olhamos para o diagrama, nas perspectivas de Deleuze e de Peirce.

As questões que se apresentaram e que traduziram nosso problema de pesquisa foram as seguintes: Quais as especificidades do diagrama, enquanto uma modalidade de signo? Quais as contribuições desse conceito para a cognição e como podem compor práticas educacionais?

Sendo assim, trata-se de uma pesquisa teórica que explicita e articula duas teorias envolvendo o conceito de diagrama, uma advinda da lógica, conforme propõe o lógico estadunidense Charles Sanders Peirce, e outra advinda da compreensão da pintura, na perspectiva de Deleuze, em prol de refletir sobre a elaboração de práticas educacionais que

desencadeiem a cognição, firmando o potencial dos diagramas para tanto.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao mencionarmos as práticas educacionais necessariamente, no âmbito da pesquisa desenvolvida, tratamos as disciplinas escolares como modalidades de linguagens, como sistemas de signos, e o processo de ensino/aprendizagem como ação de signos, que envolve o aprendiz enquanto um intérprete de tais signos.

Para tanto, tomamos a semiótica ou lógica – terceira classificação das ciências normativas – em seu primeiro ramo – a gramática especulativa – por permitir a investigação dos modos como os mais diferenciados processos de linguagem engendram-se e funcionam comunicativa e culturalmente. Em seguida, lançamos um olhar mais específico para as classificações de signo, o qual contribui para esmiuçar aspectos que auxiliam na compreensão de como se dá a ação de determinados signos, ou como eles desencadeiam a cognição na mente do intérprete.

O primeiro ramo da semiótica ou lógica – a gramática especulativa – fornece definições e classificações de signos, envolvendo o verbal e o não verbal, de onde emergem estratégias metodológicas para leitura e análise de signos, de linguagens as mais diversas, como as disciplinas escolares, os produtos da publicidade, do cinema, da música, da literatura, da hipermídia, entre outros. Além de olhar para as disciplinas escolares como uma modalidade de linguagem, e também considerando que os produtos midiáticos permeiam o ambiente educacional e, por isso, podem ser utilizados para compor práticas educativas, defendemos a importância de que os educadores, em geral, conheçam as estratégias de análise mencionadas.

A aplicação de estratégias de análise implica na crença de que o pensamento na mente humana se dá via signos, ou ainda, com e nas linguagens. Aquele que busca inventariar os possíveis significados engendrados no signo deve munir-se de três tipos de olhar: contemplativo, observacional e generalizante. Tais olhares, respectivamente, captam do signo/objeto os aspectos qualitativos, os referenciais e os relativos às leis, regras ou normas compartilhadas na cultura em que se insere o intérprete. Por exemplo, o primeiro olhar permite capturar os aspectos qualitativos que, em um signo visual, são os vinculados às cores, às formas, às linhas e às texturas, bem como ao arranjo desses elementos; se dirigido a um signo verbal, outras qualidades serão colhidas, desde o nível morfológico, sintático como discursivo, sobretudo na poesia, em que os aspectos qualitativos são levados ao limite; se o signo for sonoro, as qualidades estão impregnadas nos sons, alturas, durações. Ao segundo olhar, cabe buscar pistas que levam o intérprete para existentes, para aspectos da realidade em

que o objeto está inscrito. Já o terceiro olhar é o que colhe simbolismos que impregnam o objeto e, de certo modo, está vinculado ao contexto cultural em que o objeto se faz signo. Com tais estratégias é possível despistar as camadas que revestem os signos; contudo, vale lembrar que esses modos de olhar se constituem como esquemas gerais para o pensamento e, como tais, não se abstêm de conhecimentos específicos da linguagem em análise, seja sonora, visual ou verbal. Desta forma, sob tal perspectiva, podemos analisar as disciplinas escolares enquanto modalidades diferenciadas de linguagem, bem como processos e produtos midiáticos em geral. A matemática ou a biologia, como exemplos, requerem modos de representação distintos da palavra. Ao ampliar o escopo, ou valer-se da gramática especulativa, as práticas educacionais podem ter como foco o processo de construção desses signos.

Deleuze (2008) busca explicitar uma definição de diagrama a partir da pintura. As suas teorias permitem, por um lado, ir para além de possíveis teorias que levam em conta apenas a materialidade da imagem, a sua aparência, bem como permitem aplicá-las a outras modalidades de representação visual, tão caras à comunicação e à educação, como a infografia e o mapa conceitual, respectivamente. O filósofo propõe três tipos de analogia, que contribuem para a compreensão de características da operação mental que ocorre em processos cognitivos que se concretizam com o diagrama.

É interessante destacar o percurso de Deleuze, uma vez que ele faz menção às ideias de Peirce, na obra mencionada. O filósofo se vale da pintura e propõe que a presença – a presentidade – emerge com o diagrama. Explica que a função do diagrama é a de desfazer semelhanças, ou buscar semelhanças profundas de onde surgem as imagens, as figuras. A pintura busca desfazer a representação para fazer emergir a presença. A representação é o antes, o antes da pintura; a presença é o que sai do diagrama, que desfaz a semelhança para dar lugar à presença: o fato pictórico. O diagrama opera caoticamente com os dados visuais e, desse movimento, a tensão da possibilidade do fato, ou o diagrama em ação, surge o fato pictórico.

Deleuze (2007) define a analogia como um princípio de produção de semelhança e propõe três formas: “a analogia por similitude, a analogia por relação, por relação interna, e a analogia por modulação” (DELEUZE, 2007, p. 153).

A primeira, a analogia comum é aquela que realiza o transporte de relação de similitude. “Eu diria para a primeira forma de analogia, por semelhança e transporte de similaridade, que ela produz semelhança, é então uma analogia comum, ou física” (DELEUZE, 2007, p. 153). Sob outros aspectos, conforme Deleuze (2007), a analogia comum realiza uma operação imposta por semelhança vinda de fora, a moldagem. “Uma operação de informação, de informação de superfície. Por exemplo, eu coloco um molde em argila no barro? Que espero? Espero que a argila, sob a impressão do molde, tenha atingido uma posição de equilíbrio [...]. É uma operação de borda, de superfície” (DELEUZE, 2007, p. 153-154). Neste caso, a mente realiza uma operação de “moldear”, o modelo é o molde. Moldear

algo é impor-lhe uma similitude.

A segunda forma de analogia envolve a noção e a operação com um molde interior, um módulo, com a qual a mente realiza a operação de modelagem. A terceira, a modulação, implica que a analogia pode ser definida como uma linguagem de relações. Ressaltamos que a primeira forma envolve a moldagem, um molde. A segunda efetua uma modelagem, e a terceira, a modulação, ou seja, requer um modulador. Nas palavras de Deleuze (2007, p. 157):

O molde e o modulador são casos extremos. Mas a operação essencial da aquisição de forma é neles realizada da mesma maneira: consiste no estabelecimento de um regime energético, durável ou não. A moldagem consiste em modular de forma definitiva. O modular é moldado continuamente e é perpetuamente variável. [...] Entre os dois, digo, há algo. E chame isso de "modelagem". Vê-se bem que a modelagem é intermediária entre o molde e a modulação. Mas opera o esboço de um molde temporal contínuo.

Na modulação, conforme Deleuze (2007), a semelhança, a similitude, não é produtora, mas produzida por outros meios, que não se assemelham aos modelos. Produzir semelhança seria modular. Para Deleuze (2007, p.143), “toda vez que há modulação, existe uma linguagem analógica e, portanto, há um diagrama. Em outros termos, o diagrama é um modulador. (DELEUZE, 2007, p. 143).

Vejamos agora os signos icônicos ou hipóicones (sinsignos icônicos), que se subdividem em três modalidades: imagem, diagrama e metáfora. Peirce (1932, CP 2.277) assim as define:

As imagens participam de simples qualidades [...]. Os diagramas representam as relações principalmente as diádicas ou as relações assim consideradas das partes de uma coisa, utilizando-se de relações análogas em suas próprias partes. [...] As metáforas representam o caráter representativo de um signo, traçando-lhe um paralelismo com algo diverso.

Vale enfatizar que qualquer tipo de representação (visual ou não) que apresenta relações análogas às de seus objetos (sugeridos) é denominado diagrama, e a similaridade entre signo e objeto se estabelece entre relações estruturais compartilhadas pelo signo e pelo objeto e não estão na superfície, como a similaridade da imagem. Peirce (1932, CP 2. 279) destaca que uma “grande propriedade distintiva do ícone é que, pela observação direta dele, outras verdades sobre seus objetos podem ser descobertas além daquelas que bastam para determinar sua construção”, e que, no caso, se aplica também ao diagrama.

Mas há um aspecto que precisa ser observado, uma vez que o movimento do pensamento em um diagrama sempre envolve signos convencionais. Sobre isto, Peirce (1932, CP 2.276) adverte que “qualquer imagem material, como uma pintura, é grandemente

convencional em seu modo de representação; porém, em si mesma, sem legenda ou rótulos, pode ser denominada hipoícone. Sendo assim, é preciso pensar no imbricamento do analógico com signos convencionais, o que não foi desconsiderado por Peirce. As relações de semelhança, nesses signos, são perpassadas por tais signos convencionais (símbolos).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crença no potencial cognitivo do diagrama está no fato de ele permite a modulação, como um modelo que é reconstruído em movimento, com o movimento do pensamento, que deve ser similar ao modelo mental espacial-analógico necessário à compreensão do conceito, ou do assunto, ou de um tema, ou de um fato. Ao permitir este movimento para a mente, constata-se ainda o potencial deste para suscitar conjeturas, ou seja, tal signo abre fendas para que a criatividade do aprendiz se faça presente nas práticas educacionais que envolvam esta modalidade de representação visual.

Podemos dizer que o jogo de formas, cores, texturas e movimento que compõe o diagrama oferece informações adicionais e requerem atenção concentrada, por demarcarem pontos importantes num arranjo espacial, o que leva o intérprete a fazer conjeturas, suposições, articulando relações entre partes internas de um objeto.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento Cinema 1**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo Cinema 2**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Pintura**: el concepto de diagrama. Buenos Aires: Cactus, 2007.

PEIRCE, Charles S. Elements of logic. *In: Collected Papers of Charles Sanders Peirce* HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul. (Eds.). Harvard University Press, v.2, 1932.

